



# NOSFERATUS

AS CRÔNICAS DE ADLAHILL

LUCAS D. OAK





# NOSFERATUS

AS CRÔNICAS DE ADLAHILL

LUCAS D. OAK



Dedico essa obra a minha família,  
que foi construída ao mesmo  
tempo que comecei a escrever esse  
livro. Minha esposa que sempre  
acreditou em mim e minha filha  
que acabou de nascer. Vocês me  
inspiram!



# SUMÁRIO

**Prólogo ..... 9**

**I..... 13**

**II. .... 18**

**III..... 22**

**IV..... 26**

**V..... 32**

**VI..... 37**

**VII. .... 42**

**VIII..... 52**

**IX..... 56**

**X..... 64**

**XI..... 72**

**XII. .... 75**

**Epílogo ..... 78**





---

## Prólogo

### 1700, Cemitério dos Elefantes, Reino de Cinerária.

O Sol estava escaldante. A armadura prateada pesava. Estava há meio ano na guerra e não conseguia dormir direito há mais de uma semana.

Altair chegou ao Cemitério dos Elefantes com sua tropa, mais alguns novos soldados e escudeiros que abasteceram o exército e trouxeram mantimentos. Precisava descansar. Suas pernas doíam em cima do cavalo. Tinha a perna rígida e sempre sentia câimbra. Já eram oito dias de cavalgada, mas Altair não queria pensar nisso. Estava concentrado.

O exército de Alexandria era liderado pelos Doze Grandes Cavaleiros e Altair era um deles. A guerra estava quase no fim e se Altair conseguisse essa vitória, as tropas de Cinerária não suportariam por mais tempo.

*Vamos vencer.*

Ele pensava em ir pra casa. Seu filho estava prestes a nascer, mas não podia fugir da guerra, da honra. E o exército de Cinerária estava cada vez mais perto.

— Senhor. — Falou um garoto que não deveria ter mais que quinze anos, parado em frente a Altair montado em seu cavalo. — Venho me apresentar. Sou seu novo escudeiro. Fui enviado pelo Rei Alexandre para ajudar ao senhor. — O garoto tinha um manto vermelho, que representava as cores de Alexandria e não vestia armadura.

*Precisava de comida, não de alguém pra me vestir. Poderiam mandar mais soldados e mantimentos.*

— Certo. Eu sou o Cav...

— Eu sei quem o senhor é. É uma honra servir ao Senhor. Estou bastante ansioso.

— É sua primeira batalha, novato?

— Sim, senhor.

— Então já verá o quanto a guerra é cruel e fria e sua ansiedade vai passar já já.

O garoto pareceu refletir.

— Esse campo. Aqui não se parece em nada com Alexandria. Nunca tinha visto algo assim. Tão sem graça.

— Esse terreno está morto, mas o Reino de Cinerária possui vegetações que são melhores que as de Alexandria. — Não estava com muita paciência pra conversar, mas deixou a conversa fluir. Precisava se distrair.

— Eles têm a Floresta Negra.

— Sim. Com árvores de todos os tipos, frutas de todos os sabores, blá-blá-blá.

— E centauros.

Altair o olhou com desprezo.

— Você está indo para sua primeira batalha e ainda acredita em centauros?

O novato pareceu não se importar.

— É difícil de acreditar que existe uma floresta atrás disso. A grama parece seca e cinza. E esses ossos?

— São as vítimas da guerra e dos animais. Isso é apenas um lugar abandonado onde a lei é do mais forte.

— Sabe porque é chamado de Cemitério dos Elefantes? — Perguntou o garoto animado.

— Você gosta de histórias, né?

Um barulho soa do outro lado. Era um tambor de guerra, do lado do exército rival.

Ambos ficaram calados.

O exército era tão grande, que não dava quase pra ver os lados.

Os cavaleiros possuíam armaduras douradas e prateadas, com cores verdes em tudo, representando Cinerária. Também tinha um exército violeta, dos Andes, com eles.

— Eles chegaram.

A linha de frente foi toda preenchida com a cavalaria, que estava com lanças expostas. Atrás estavam os arqueiros, na parte mais acima da ladeira.

— Preparar formação tartaruga, soldados. — Gritou Altair.

Os soldados se movimentaram correndo, formando uma parede em forma de um C invertido.

O novato olhava admirado.

Sua parede de escudo parecia firme e tudo estava conforme os planos, pois eram tão grandes quanto o exército inimigo, e mais fortes.

— Iremos tomar sua capital, nos libertar do império do sul e voltar pra casa vitoriosos. — Gritou para seus homens.

E o exército inimigo estava mais perto.

— Nosso exército ganhou todas as batalhas até agora. — Gritou Altair.

E o exército inimigo estava mais perto ainda.

— Nossos filhos e esposas estão esperando. E essa é a última batalha pra fechar com chave de ouro. Vaaaaaamos.

Um estrondo.

Quando o choque acontece, a parede de escudos se rompe e começa a batalha. Todo planejamento estava acabado, o campo se torna uma bagunça.

Espadas, lanças, flechas e fogo para todo lado.

Altair é atingido por alguma coisa que o faz cair do cavalo. Parece que alguém se jogou em cima dele. Abre o olho,

mas ainda está meio atordoado. Pensa em seu filho, que poderia estar nascendo agora.

*O que está fazendo?*

Volta pra batalha quando vê seu escudeiro sendo agarrado pelo cabelo e sendo levantado, enquanto balançava suas pernas. Altair tentou levantar, mas era tarde demais. Vê o novato morrendo, com um corte na garganta e perde o foco da batalha.

*Eu sei porque o Cemitério dos Elefantes se chama assim. Há muitos anos atrás os centauros eram os donos dessa região, e os mamutes também moravam nela.*

*Com a expansão do Império de Minos, os soldados chegaram até o local.*

*Os centauros fizeram um acordo onde ficaram com a Floresta Negra. Os mamutes lutaram e pereceram. Ali entraram em extinção.*

*Eu poderia ter apenas conversado sobre isso com ele, mas era tarde demais. Era a sua primeira luta.*

Algo chamou sua atenção.

No canto direito, duas pessoas bem distantes estavam pegando fogo. Elas vieram da floresta. Estavam se debatendo e começaram a desaparecer.

É tarde demais. Uma lâmina fura seu peito e sem forças, fecha os olhos. Não sentia mais nada. Não conseguiu olhar pro seu escudeiro que nem perguntou o nome. Mal conseguia se mexer, mas sentia o sangue quente escorrer.

No mesmo momento que Altair fechava os olhos, seu filho nascia e abria os olhos pro mundo. Altair não veria o quanto seu filho se tornaria importante.

**1700, Base Secreta da Camarilla, Reino de Shandong.**

O sino do grande relógio começa a badalar. Era meia-noite, horário em que a reunião anual estava marcada e todos os líderes vampiros presentes já esperavam na sala.

O ambiente estava iluminado pelas tochas nas paredes. A mesa não tinha comida, pois os vampiros não precisavam comer, mas tinha vinho e outras bebidas alcoólicas abertas, e claro, sangue.

A mesa era grande com pés de madeira e vidro na base. Os copos eram de vidro. Na ponta da mesa estava o líder dos Brujah, O Rato Branco. Rato Branco é um vampiro magro, careca e com cara de poucos amigos. Usava um colete de couro preto, aberto, sem camisa por baixo e calça jeans rasgada. Tinha aparência de um humano punk e em seu colete esbanjava o símbolo com a letra A, riscado, ao contrário, e uma corrente entre o bolso da frente e de trás, caída sobre a coxa esquerda. Estava com os pés em cima da mesa.

— Você não tem educação? — Perguntou Eros, líder dos Ventrue, um vampiro com aparência e soberania de um nobre, que entrava na sala. Loiro, com cabelo liso até os ombros e alto. Bem vestido, com uma manta branca e dourada.

Do outro lado da mesa, sentado, estava o líder dos Nosferatus, Kruger, que era totalmente oposto aos Ventrue, pois sua aparência era deformada e estranha. Usava roupas velhas e como não possuía beleza, não ligava para vestimentas elegantes.

Estavam presentes também os líderes dos clãs Malkavian e Toreador, sentados nas poltronas em frente à mesa. O

Malkaviano estava praticamente deitado, pela maneira confortável que sentava.

— O único que não veio é o Gangrel. — Disse Makai, líder dos Tremere, entrando pela sala, sendo o último a chegar.

Um morcego voou para o teto, o que era comum no esconderijo, pois o teto era alto e escuro, e tinham muitas árvores frutíferas em volta do esconderijo.

— Ele raramente aparece. — Disse Eros, servindo-se de uma taça com vinho. — Conto nos dedos quantas vezes ele apareceu. — Terminou de encher seu copo e bebeu um gole. — Ah é, nunca.

— Já que estão todos aqui, podemos começar a reunião. — Falou o Príncipe da Camarilla, Julius, também entrando na sala e chamando atenção de todos. Todos estão bem?

— Ótimos! Todos fortes. — Sorriu Trillin.

— Que bom que estão todos bem aparentemente. Hoje fazem quinhentos anos desde a Inquisição e desde esse tempo estamos nos escondendo dos humanos. Não sei quantos anos também lutamos contra outras espécies, mas depois de tantos conflitos conseguimos criar uma sociedade forte e independente de outras raças, que é a nossa Camarilla. Enfim, vou direto ao assunto.

Fez silêncio na sala.

— Os Sabbath estão agindo com irresponsabilidade, e se isso continuar, irão jogar todo nosso esforço por esgoto. Eles estão planejando seus ataques a sociedades humanas e se voltarmos a ser notados e deixarmos de ser apenas uma lenda, teremos uma nova inquisição.

— Acho que já está na hora da gente realmente tomar o controle da nossa sociedade. — Expressou Rato Branco. — E se a gente matar todos os vampiros do Sabbath?

— Não adianta. — Disse Arbot, um vampiro alto com olhos esbugalhados, cabelo liso preto jogado na cara e vestes rasgadas. — Existem clãs independentes que agem sozinhos também e apresentam tanto perigo quanto o Sabbath. Estamos em um momento de guerra entre os humanos e diminuir nossa espécie ainda mais não é muito inteligente. Ainda mais com nossa guerra particular com os metamorfos.

— E o Malkaviano está com medo deles? — Disse o líder dos Brujah, sorrindo e tirando os pés da mesa.

— Não tenho medo, mas seria apenas uma guerra desnecessária. Com mortes e sem garantia de sucesso.

— Além do Sabbath. — Continuou Julius ignorando a discussão. — E dos clãs independentes, os recém-criados também estão sendo expostos, porque ainda estão fora de controle. Precisamos primeiramente interromper a criação de novos vampiros e a exposição dentro da nossa sociedade.

— Porque iríamos impedir que aumentemos nossos exércitos? — Disse Trillin, fechando seu casaco de pele de lobo branco e levantando. Ele era belo, com aparência de artista e parecia tão nobre quanto os Ventrue.

— Você só está preocupado com prazer, Toreador. — Rosnou Eros.

— E de que vale ser imortal se não for para aproveitar os prazeres da vida? — Sorri Trillin e enche seu copo.

— Nós somos uma sociedade por comum acordo, não somos suas marionetes. — Disse o Rato Branco para o Príncipe — Porque eu deveria seguir o que você fala?

— O que quer insinuar com isso, seu Rato traidor? — Eros se levantou.

— Que agora você é o capacho do Príncipe Julius. — Ironizou o Rato Branco. — Posso fazer picadinho de você, e

pendurá-lo igual fizemos com seu filhote. O que acha? Uma homenagem.

— Mais uma traição. — Sorriu. — Isso não significa nada pra vocês, né?

— Chega. — Falou baixo o Príncipe. — Nosso propósito é uma união e não uma guerra entre nossos clãs. Precisamos ter o controle das nossas crias e eliminar os clãs do Sabbath caso nos ameacem. Os recém-criados dessa forma, só vão atrapalhar nesse processo, porque além de não terem experiência, podem nos expor. Precisamos ter o controle.

— Mas eles não seriam bons soldados? — Disse Trillin.

— Seriam até perderem o controle ou se aliarem ao inimigo que permite a caça de humanos sem restrição. — Indagou Makai.

— Exatamente! — Concordou Eros.

— Precisamos ter controle da nossa sociedade primeiro. — Continuou Julius — O clã pode até fazer recém-criados, mas fazer um por vez. Tendo aprovação do líder do clã que esse recém está apto, aí sim pode ser criado um novo soldado.

— Um por vez, até que não é tão ruim — Sorriu Trillin.

— Também não acho. Iremos ter controle dos nossos novatos e podemos agir nas sombras. — Concordou Kruger, o líder Nosferatus.

— Então está decidido. O vampiro que desobedecer a ordem será exterminado junto com sua cria. Se o clã encobertar, será exterminado.

— Gostei. — Sorriu Rato Branco.

— E a antiga regra permanece. — Reforça Julius. — Proibido transformar crianças.

Todos assentiram.

— E sobre a guerra entre Cinerária e Alexandria? De que lado iremos ficar? — Questionou Trillin.



— Não iremos tomar partido. — Respondeu o príncipe. — Não tem porque nos envolvemos e nos expor.

— Mas escolhendo o lado certo, poderíamos ter vantagens. — Disse Kruger.

— Não farei aliança com humanos. — Indagou Rato Branco. — Vocês Nosferatus que tem apego por eles. Até vira mulherzinha deles.

— Não nos insulte. A senhora Matuh teve seus motivos para salvar o humano. — Falou irritado Kruger.

— E se o Sabbath fizer aliança com algum lado? — Perguntou Arbot.

— Eles odeiam mais os humanos do que nós. — Respondeu sarcasticamente Eros — Não é inteligente pra eles também participar dessa guerra.

— Concordo. E assim encerramos os assuntos do motivo da reunião. — Disse o príncipe.

Todos se entre olharam e aceitaram a decisão.

A reunião continuou, agora como uma resenha. Estavam os líderes e seus companheiros de clã que o acompanharam e foram autorizados a entrar após a reunião acabar. Terminaram o dia como adoravam, bebendo e se provocando.

No dia seguinte todos voltaram para atualizar seus respectivos clãs.

### **1700, Floresta Negra (região oeste), Reino de Cinerária.**

Lionel foi o último a deixar a reunião do clã. Depois da viagem longa do conselho da Camarilla, encarara outra reunião seguida e pra falar das mesmas coisas. Queria ir logo embora. E enfim, estava na hora.

A noite estava apenas começando, a lua estava cheia e reluzente.

*A lua parece maior.* — Pensou Lionel.

Lionel andava com postura, era visível seu alto escalão. Se orgulhava de ser um dos três pilares do clã Nosfetatus, abaixo apenas de Kruger, líder atual do clã. Era seu guardião pessoal junto com Gaia e Diego e foi esse trio que acompanhou Kruger a reunião da Camarilla.

Caminhou pelo enorme salão, bem iluminado com tochas e janelas grandes. Ao sair pela enorme porta de ferro na entrada, foi caminhando pelo jardim. O jardim era enorme e tinha grama e diversas flores até o final dele.

— Até que enfim podemos ficar à toa. — Disse Gaia, chegando ao seu lado.

— Nem fala. — Respondeu Lionel.

— Sabe o nome de todas as flores daqui? — Perguntou sorrindo Gaia. Ela estava vestida com uma camisa enorme e bege, que já foi elegante, mas hoje estava visivelmente velha. Não estava rasgada, mas era bem velha.

— Conheço só margaridas e rosas.

Gaia sorriu.

— Como pode ter flores lindas assim nessa mansão que fica no meio do nada?

— Sei lá. Aí, se lembra do dia que viemos pra cá?

— Claro. Isso tem muito tempo, mas parece que foi ontem. Falam que o filho do Rei Minos morava aqui. Não sabia que ele tinha gosto por estátuas de gárgulas e monstros. — Disse Gaia chutando uma pedra.

— Essas estátuas são coisas dos Tremere. O filho do Rei Minos morou com eles. — Disse Lionel.

Lionel sabia de cabeça as histórias do Rei Minos. O império do Rei Minos dura até hoje, com seus descendentes e essa foi uma das mansões que seu filho ficou quando foi para o oeste explorando o reino, no tempo do descobrimento.

O castelo ficava no meio da floresta e ficou abandonado por muitos anos, após a saída dos Tremere, até ser encontrado pelo clã.

— A gente estava fugindo de um ataque de um clã de metamorfos, e conseguimos nos esconder no castelo, onde o reformamos e virou nossa sede.

— Aquilo foi sorte, e o tempo passa tão rápido.

— Preciso ir, Gaia. Tenho coisas pessoais a fazer.

— Beleza. Até. — Respondeu Gaia e voltou para mansão.

Ao sair da mansão, andou em direção à floresta. Seguiu o caminho que já estava acostumado, e que não tinha nenhum perigo por perto. A floresta tinha lobos e outros metamorfos e não queria entrar em combate. Tinha certeza de sua força, mas queria evitar.

Estava com saudades.

Seguiu pela floresta e depois de vinte minutos de caminhada, saiu em uma clareira. Mais à frente, em mais uns vinte minutos de caminhada, encontraria a entrada do vilarejo e veria sua amada. Estava ansioso e com saudades.

Não precisou andar até lá. Ouviu a voz de sua amada na floresta mesmo a poucos passos dali.

*Mas o que ela faz aqui? — Pensou Lionel. — A essa hora e sozinha? Ela saía pra caçar às vezes com o irmão e os amigos, mas não a essa hora e muito menos sozinha. — Lionel achou aquilo estranho.*

Foi andando devagar, sem fazer barulho, não queria chamar atenção. Subiu em uma árvore.

Lionel a admirava, mas ela não sabia da sua existência. Todos os dias que podia passava a noite a acompanhando. A via dormir e ir para caçada. Sabia sua rotina e ir pra floresta sozinha não era nada comum.

Algo estava estranho. Ela parecia discutir com alguém e ao se aproximar, notou que ela estava pedindo pra parar.

Foi se aproximando, e ouviu outra voz. Tinha mais uma pessoa com ela. Pelo jeito que sua voz estava agitada, parecia estar lá contra sua vontade.

Não reconheceu a pessoa que a acompanhava. Não era nenhum de seus amigos. Conhecia todos eles de tanto espioná-la.

Mudou de árvore rapidamente e ficou escondido. Ao olhar por trás da árvore, viu tanto Louise, quanto um homem a segurando pelo braço. Ele a levava em direção a clareira.

Ele era branco e se vestia como ela, com um manto de pele, porém sua pele era de urso, enquanto de Louise era de lobo. A pele dele era abaixo da cintura enquanto a de Louise era apenas para o ombro.

Ela se debatia, tentando se soltar e ele a puxava, ignorando-a.

— Socorro! — Gritou Louise, tentando se desprender.

Lionel de imediato pensou em ajudá-la. Poderia matá-lo rapidamente, mas sua raça ainda vivia escondida. Vampiros

eram uma lenda. Para muitos a Inquisição não passava de contos, mas foi verdade. Não gostaria de revelar sua identidade, e caso revelasse, sua aparência assustaria Louise.

Mas se não a ajudasse, ela ia morrer. A vida humana era tão frágil.

Ainda tinha outra coisa.

Não queria ver sua amada o renegando.

Mesmo que não possa nunca ficar com ela, não gostaria de ser rejeitado. Sua aparência era horrível. Preferia continuar vivendo seu conto de fadas.

Mas e se ela não sobrevivesse? Não haveria ninguém pra admirar. Ela era diferente.

*E se ela virasse uma recém-criada? Poderia viver pra sempre com ela.*

Mas existe a nova regra dos recém-criados.

Não podia se meter. Ia ver sua amada sendo morta e não poderia fazer nada. Não podia pôr em risco a segurança do seu clã.

Ou era sua amada, ou era ele.

Lionel sabia o que fazer.

---

### III.

Lionel ouviu outro ruído vindo da floresta, de onde Louise tinha vindo. Tinha mais gente chegando, mas não sabia se era ajuda ou não. Ficou preparado para um possível combate, mas reconheceu quem vinha. Eram o irmão e os amigos de Louise.

— Louise. — Gritava um de seus amigos. — Você tá aqui?

Ela gritou de volta e seu raptor a bateu. Três amigos e seu irmão correram pra onde a voz vinha e chegaram.

O raptor desembainhou sua espada e apontou pra eles, falando para recuarem.

— Não cheguem perto. Quem são vocês?

— Eu sou o irmão dela. — Disse Alex se aproximando. Ele era alto e com um bom porte físico. Se vestia com uma calça marrom e uma pele de lobo como a de Louise, porém maior. Tinha um arco nas costas.

— Se der mais um passo, vou te cortar! — Ameaçou.

— Quem é você? — Disse Alex levantando a mão e andando devagar. — O que você quer com minha irmã?

Enquanto Alex ia devagar na direção do raptor, seus amigos já pegaram seus arcos e apontaram.

Todos se vestiam praticamente da mesma forma, como se fosse um clã.

— Ia apenas me alimentar, mas agora vejo que tenho um banquete completo. — Sorriu o homem.

Lionel estava paralisado. Não de medo, mas sem saber o que estava acontecendo.

*Alimento? Então ele não é um humano qualquer e todos estão em perigo.*

Queria acabar com tudo, mas quanto mais gente aparecia, maior seria a exibição.

*O que eu faço?*

*Não posso colocar o clã em risco.*

Quando Alex deu mais um passo, o homem pulou em sua direção, com uma velocidade incrível e o cortou sua cabeça.

Os outros três amigos ficaram paralisados enquanto o corpo de Alex caía sem vida.

Louise tentou se levantar, mas o homem já tinha notado que ela queria fugir, então se antecipou.

Lionel ficou tentado a atacar e estava se controlando, mas ver Louise em perigo mexeu com ele. Ficou preparado, mas ainda hesitante.

— Quem é você? O que quer de mim? — Perguntou Louise chorando.

— Sou o topo da cadeira alimentar — Sorriu.

O homem rapidamente pegou Louise pelo braço e a jogou contra a árvore. Suas costas e cabeça bateram com força no tronco e ela caiu desmaiada. Seus amigos estavam ainda paralisados. Seus arcos caídos.

— Vocês são destinados a ser nosso alimento. E eu estou com muita sede. — Disse o homem indo em direção à Louise desacordada.

*Sede? Agora entendi. Um vampiro. Mas de qual clã? E o que faz em nosso território?* — Lionel agora estava determinado a intervir.

O vampiro foi caminhando lentamente em direção à Louise. Ela estava imóvel e quando ia atacá-la, sentiu um golpe por trás e foi arremessado, caindo no chão.

— Quem está aí? — Disse o vampiro, se levantando limpando o rosto de terra.

— Deixa eles em paz, e deixo você ir embora. — Disse Lionel parado na sua frente.

— Me deixa ir embora? — Sorriu — E quem você pensa que é?

— Sou o clã guardião dessa área.

— Com essa aparência parece mais um zumbi. — Disse o vampiro rindo e indo em sua direção lentamente.

Lionel estava preparado, mas o vampiro mudou sua rota e foi em direção a Louise rapidamente.

Lionel ainda tentou alcançá-lo, mas era tarde demais.

O vampiro rasgou o pescoço de sua amada e ela que já estava desacordada, em poucos segundos estaria morta.

Lionel não pensou em nada e foi pra cima do vampiro, o jogando contra as árvores, que racharam, com a força do choque.

— Você é do Sabbath ou de algum clã independente? — Falou Lionel o batendo.

*Pode ser um recém-criado, mas parece esperto demais e parece ser bem treinado.*

O vampiro tentou fugir, mas Lionel era rápido, e o desconhecido não conseguia se afastar. Lionel o perseguia e o socava com uma raiva intensa. Louise estava morrendo e ele queria acabar com a vida do assassino de qualquer jeito.

Quando ele não conseguia mais se mexer, Lionel o segurou pelos cabelos, tomou sua espada e a colocou em seu pescoço.

— De qual clã você faz parte? — Disse Lionel.

O vampiro cuspiu em Lionel, que cortou sua cabeça sem hesitar mais.

*Acabou.*

Seus amigos correram em direção a floresta, fugindo do que viam, aterrorizados.



Lionel caminhou em direção a Louise, que estava entrando em estado de choque. Estava morrendo.

Lionel teria segundos ainda com ela e ela estava com medo dele. Tentou se desprender, porém de forma inútil, porque estava sem forças. Seus olhos estavam se fechando e a dor passando. Não queria morrer, mas ninguém poderia salvá-la. Estava ficando dormente.

Louise fechou os olhos e sentiu uma mordida em seu pescoço.

*Tá doendo.* — Pensou Louise.

Logo a seguir sentiu um líquido quente em sua boca, com gosto de ferro.

Escorreu pela sua garganta.

Ficou agonizando por um tempo. Não sabe dizer se foram segundos ou horas.

Sua força que tinha ido embora parecia voltar.

*Não dói mais.*

O instante de agonia se passou. Sua consciência estava voltando e então abriu os olhos.

*Estou com sede.*

---

## IV.

Louise se levantou.

Estava surpresa por ter recobrado a consciência. Aliviada por ter sobrevivido.

*Como eu posso tá viva? É como se nada tivesse acontecido. Não sinto nem dor das quedas, mas ainda estou fraca. Parece que não como há dias.* — Se questionava Louise.

Lionel estava na sua frente e sua aparência a assustou. — *O que é isso? Parece aqueles monstros das histórias antigas.* — Hesitou por um momento.

*Ele me ajudou. O que ele é?* — Estava apavorada por dentro.

— Obrigada por me ajudar. Quem é você? Ou o que é você? — Falou com um pouco de tremor na voz.

— Sou algo que você achava que era apenas uma lenda. Sou um vampiro.

— Vampiro? — Louise não queria acreditar, mas sua aparência era muito esquisita e que era não era humano estava claro.

— Sua pele. — Disse apontando para o braço, demonstrando um pouco de nojo. — Parece que está se desfazendo.

— Isso é uma maldição hereditária.

Louise ficou em silêncio por alguns segundos.

— Ah, obrigado. Err, mas porque me salvou em vez de me matar? Ele não era seu amigo?

Lionel fez negativamente com a cabeça e a ficou calado encarando.

— Aliás, como eu tô viva? — Louise ainda não compreendia como conseguira se salvar. — Achei que tinha sido morta assim que fui atacada.

— Eu a salvei. — Disse Lionel — Matei o vampiro que te atacou e te salvei.

— Porque? Não era pra vocês. — Respirou profundamente.  
— Matarem tipos como eu?

— Realmente é como nos alimentamos. — Sorriu.

— Então porquê?

Lionel não respondeu novamente.

Louise não compreendia.

*Que sede* — Pensou Louise.

— Que cheiro é esse? Está vindo dali. — E Louise apontou em direção ao meio da floresta. Em direção ao seu vilarejo.

— Espere. — Falou Lionel — Você não pode ir pra aí.

— Porque não posso?

— Porque pra te salvar, eu precisei fazer uma coisa.

Louise não entendia e sua sede estava ficando mais descontrolada. — Não quero ficar mais aqui. — Disse Louise agitada.

O cheiro estava mais forte e a atraía. Estava agoniada.

Virou—se e continuou o caminho que planejava.

— Louise — chamou Lionel. Ela se virou, porém algo tirou a atenção de Louise.

Eram humanos. Seus amigos voltaram pra ver o corpo dela e de Alex, e o cheiro era deles.

*Ela não pode vê—los. Senão ela os matará.*

— Foi por ali. — Falou um de seus amigos.

Louise não hesitou e foi para floresta, na direção deles. Foi mais veloz que Lionel conseguia prever.

*Ela é rápida. — Pensou Lionel — Uma recém—criada perfeita, pena que não posso levá—la pro clã. Estamos proibidos. Eu mais que ninguém sei disso, estava pessoalmente na reunião da Camarilla.*

Lionel foi atrás de Louise e a alcançou.

— Espere. Você não pode ir até eles.

Louise não escutava mais. Parecia um predador ao localizar a presa.

— Espere... — Antes de terminar a frase, Louise já correu em direção aos demais e pousou na frente deles.

A sua força, fez o chão vibrar de uma forma, que folhas caíam das árvores em volta.

Seus amigos se assustaram, mas ficaram felizes quando a viram.

— Louise, que bom que está bem. — Disse um de seus amigos. — Pensávamos que tinha morrido.

Louise andou devagar em direção a eles. Lionel via que ela não os reconhecia como amigos, mas como presas, igual o vampiro que a atacou.

— Louise, você tá bem? — Perguntou seu amigo.

Louise sorriu, e estava com cara de que ia comer eles vivos. Ambos ficaram assustados, nunca tinham a visto assim, parecia uma selvagem.

— Louise?

E Louise pulou em direção ao primeiro amigo, indo certeira em seu pescoço. Lionel que até então estava observando, entrevistou e puxou Louise, pelos cabelos e pescoço, tirando— a da presa. Ela não aceitou, ainda não estava satisfeita, e ao se debater, saiu, o rasgando mais. Ficou em pé e atacou Lionel, jogando— o pra longe.

Louise pulou em direção ao segundo, que tentou correr. O mordeu também no pescoço, por trás.

Lionel levantou e se jogou em cima dela. Sua força era imensa, os recém-criados eram muito fortes, e teria problemas pra controlá-la.

Louise se levanta novamente, vê uma brecha e ataca sua terceira vítima. Lionel também conseguiu tirá-la a tempo, antes dela matá-lo.

Louise se levantou e ao se preparar para atacar Lionel, hesitou.

Sua sede já diminuía, e sua consciência já estava voltando.

Lembrou de tudo, cada coisa e olhou em volta.

Reconheceu os amigos. Todos praticamente mortos.

. . .

Louise estava paralisada com o turbilhão de acontecimentos.

Ao olhar para o lado seus amigos agonizavam. O sangue escorria. Sua sede a puxava para beber mais, mas sabia que mataria seus amigos.

Conseguiu se controlar.

— Como eu os salvo? — perguntou a Lionel que caminhava lentamente em sua direção.

Lionel estava com a roupa rasgada, o que combinado com sua aparência não era nenhum problema.

— Não tem como salvá-los. Eles já estão mortos.

— Não, por favor, me ajude. Eles são meus amigos e meu irmão. Eles vieram me salvar. Estavam aqui por minha causa e estão agora mortos por minha causa também. — Disse em tom de choro.

— Infelizmente não podemos fazer nada.  
Lionel a abraçou, porém ela se soltou.  
— Salve—os como você me salvou.  
— Louise, nós não...  
— Por favor, eu lhe imploro. Eu estava morta e você me salvou. Eu senti uma dor seguida de queimação onde fui mordida e quando achei que estava morta... — Louise parou. — É isso... o sangue.  
Louise correu em direção aos amigos.  
— Louise, espere, você não deve fazer isso.  
Louise não estava mais ouvindo. Ela se agachou próximo a Alan, seu amigo.  
— Louise, espera, nossa espécie está proibida de criar novos. O que eu fiz com você já foi um ato de rebeldia.  
Louise não parecia se importar e fez um corte em sua própria mão, se mordendo. O sangue começou a jorrar.  
— Se fizermos isso, vamos ser caçados. Na última reunião nós juramos...  
Louise levantou a cabeça de Alan, ao abrir sua boca e pousar sua mão acima dele, Lionel segurou sua mão.  
— Você não está me escutando? Não podemos...  
— Vocês juraram que não poderiam fazer, eu não. Não faço parte de nada e vou salvar meus amigos.  
O sangue pingou na boca de Alan e escorreu por dentro de sua garganta.  
Louise foi em direção ao segundo.  
Tudo estava fora de controle, Lionel não sabia mais o que fazer. Seu clã seria exterminado por sua culpa. Era tarde demais, Louise acabara de transformar o segundo e já ia para o terceiro. Apenas seu irmão não tinha mais como ser salvo.

Não podíamos mais fazer recém-criados, e agora tem quatro novos. Quando eles quiserem se alimentar, ou se quiserem se rebelar, serão um problema.

*Preciso voltar ao clã e falar com Kruger, ele saberá o que fazer.*

— Louise, ainda temos tempo. Posso queimá—los antes de se transformarem.

— Eu quero meus amigos vivos.

Lionel não falou mais nada. Apenas se sentou e se ajeitou. Não quis dizer que era em vão fazer em seu irmão. Ele já estava condenado. Ou salvo.

— O que está fazendo?

— Esperando a transformação para esconder vocês.

— Porque? Você pode voltar para seus amigos agora.

— Não é tão simples assim. O que fiz é um ato de rebeldia e meus companheiros podem ser exterminados por isso.

— E como eles vão saber?

— Porque vocês ainda não têm controle e irão se rebelar na sede.

— Nos rebelar?

— Verá de início com seus amigos. Se eu fosse você, caçaria alguns humanos, para quando eles acordarem.

— Não vou matar humanos.

— Na hora da sede, você não consegue se controlar. Não terá escolha. Não lembra do que fez?

— Mas agora eu tenho escolha.

— Não adianta discutir. — Lionel se acomodou. — Se não quer matar humanos, casse animais, mas eles precisarão de sangue quando acordarem.

— Porque está me ajudando?

— A partir de agora vocês são um de nós também.

Louise já tinha voltado quando Alan acordou. Foi o primeiro a despertar. Ao levantar já tinha um banho de sangue em sua frente e não hesitou. Começou a matar sua sede.

O segundo recém-criado acordara, chamado Karl, e por instinto já foi ao banquete. Seguido de Lil, o último. Alex não acordou.

Todos tinham sobrevivido, exceto o irmão de Louise e a transformação agora eram de quatro pessoas no total.

Todos ficaram satisfeitos e aos poucos, como Louise, se acalmaram e recuperaram sua consciência.

Depois de uma longa conversa, todos sabiam que não deveriam existir e que provavelmente passariam a sobreviver independentes agora.

— Precisamos primeiramente de um lugar pra ficar. — Pontuou Lionel.

— E se voltarmos para nossas casas? — Falou Karl.

— Quando sentirem sede, matariam todos que amam. Quando sentirem sede, não irão separar animais ou humanos, simplesmente atacarão como Louise fez com vocês.

Todos ficaram em silêncio.

— Vamos limpar isso e ir em direção a Floresta Negra. Ali poderemos achar um lugar para ficar. Alguns clãs independentes ficam por aí, podemos viver perto deles.

— Espere, Alex ainda não acordou. — Disse Louise.

— Louise. Seu irmão não conseguiu. Já era tarde demais pra ele.

— Não, não pode. E só esperar mais um pouco e ele. — Louise agora estava chorando e soluçando.

Lionel a abraçou.



— Chega, precisamos ir, eu sinto muito.  
Louise se deixou ser levada.

Estava próximo de clarear. Percebeu quando alguns morcegos voaram a procura de frutas.

— Vamos. Talvez achamos um esconderijo pra passar o dia.

— Espere. Eu sei que não posso falar, mas quero pelo menos ver meus pais pela última vez. — Disse Louise — Ninguém sabe de nós, podemos nos esconder por alguns dias.

— Tudo bem, mas precisamos caçar e ter estoque de sangue para não correr risco de se descontrolarem e não aparecer para outros da nossa espécie.

Todos entenderam e foram pra dentro da floresta. Caminharam por aproximadamente quarenta minutos e acharam uma gruta. Era perfeito para o momento e os salvou, pois estava quase amanhecendo.

Lionel ficou encarregado de caçar. Faltava pouco para amanhecer e ele era o único que sabia como se esconder da luz do sol.

Se assustou com três morcegos saindo da gruta. Achou engraçado, pois pareciam os mesmo morcegos da floresta. Não ligou e saiu em busca de mais sangue. Ainda tinha mais uma hora.

• • •

Voltando e chegando a gruta com o suficiente para os cinco, Lionel parou na entrada. Tinha um urso morto em cada

mão. Não entrou. Alguma coisa parecia estranha. Estava muito quieto. Porque ninguém estava ali fora?

— Louise! — Chamou Lionel — Louiseee.

Ninguém respondeu.

— Karl! Alan! — Gritou também.

*Como é mesmo o nome do outro?* — Pensou Lionel.

Não adiantava, ninguém respondia. Até que ouviu gritos e um estrondo dentro da gruta e entrou nela correndo. Ela tinha uns 50m de comprimento.

Ao chegar no centro, tinham três vampiros ali e os quatro recém-criados estavam no chão. Parecia que tinham apanhado em uma briga.

— Quem são vocês? — Falou Lionel se preparando para atacar.

— Então você está escondendo—os da Camarilla? — Disse o vampiro mais alto sorrindo. Tinha uma aparência feroz, com olhos vermelhos e unhas grandes e usava roupas pretas, calças e casaco de couro, preto também.

Os demais se vestiam parecido, com diferença na cor e tamanho dos cabelos.

— Então vocês são pertencentes da Camarilla? Não estou lembrado de vocês.

— Porque você nunca nos viu. Somos do clã Gangrel.

— Gangrel? O clã que nunca vai as reuniões?

— É aí que você se engana. Estamos presentes em todas elas. — E o vampiro foi pra cima de Lionel, o atingindo na barriga com o ombro.

Lionel recebeu o impacto e caiu. Rolando pela gruta. O vampiro foi andando em sua direção.

— Você é forte. — Disse Lionel e sorriu — Vai me dar um pouco de trabalho. — E se levantou.

— Sou um dos três pilares do clã. Somos os três vampiros mais fortes depois do nosso Grão-Mestre.

— Assim que vocês chamam o líder de vocês? Parem de enrolar e venham.

— Você sozinho vai dar conta de nós três? — Gargalhou o vampiro.

— Quem disse que eu estou sozinho?

Os quatro vampiros foram pra cima dos dois na sua frente, os arremessando, enquanto Lionel foi pra cima do que parecia ser seu líder.

A luta começou e dessa vez não precisava se controlar, porém o Gangrel também era forte. Ocupava o mesmo patamar que Lionel e venceu os recém-criados em minoria.

A batalha parecia que ficaria equilibrada, porém os três juntos eram fortes demais.

Lionel não conseguia atacar, pois seu adversário era mais rápido, mais forte e mais velho.

*Ele é bom em desviar.*

*Maldição, as coisas estão piorando. Ele não é do mesmo patamar que eu, como eu achava.*

— Estão chegando reforços, hora de irmos. — Disse o vampiro que segurava os cabelos de Louise. — Vocês deram sorte, mas não por muito tempo.

E saíram correndo pela entrada da gruta.

*Reforços?* — Pensou Lionel. E os inimigos se foram.

Tudo escureceu.

• • •

## 1 hora antes.

Estava esfriando. Não gostava de calor, então o tempo frio o deixava mais calmo.

Estava vendo a carta que Diego deixou, que segundo ele, estavam destinadas a seu nome. Uma delas ele não entendia a grafia de quem a enviara.

Kruger pegou a carta e se sentou. Tinha o nome realmente escrito de qualquer forma. Parecia ser de alguém que não sabia escrever direito.

Ao abrir entendeu. Era uma carta da Camarilla. Não tinha selo porque poderia ser interceptada. *Esperto, Julian, esperto.*

*Caro amigo,*

*As investigações estavam corretas. Existe sim quem nos controla e precisamos chegar até ele.*

*Mandei as chaves em busca do portal. O portal aparecerá no futuro. Não tinha outra maneira.*

*Creio que seja o único caminho. Obrigado por ser fiel a Ordem.*

*Com gratidão,*

*Você Sabe Quem.*

Entendeu o que se passava.

A outra carta era do clã Gangrel.

Quando acordou, estava em volta de mais de cinco vampiros. Seus dois amigos e também pilares do clã, Diego e Gaia, estavam ali. Sentiu receio, tinham recém-criados com eles.

Eles já pareciam ter notado e não pareciam alarmados com a situação.

— Que bom que acordou. Precisamos ir embora daqui. — Gaia o levantou.

— Quanto tempo fiquei apagado? E como sabiam que estávamos aqui?

— Estávamos na floresta e ouvimos o barulho da batalha. Você ficou uns dez minutos apagado.

Os sete vampiros saíram da gruta e foram em direção a floresta.

— Pra onde estamos indo? — Perguntou Lionel.

— Para casa. — Respondeu Diego.

— Espera. Eu não posso aparecer simplesmente com mais quatro vampiros recém-criados.

— Daremos um jeito. Conversaremos com Kruger, mas primeiro precisamos dar o fora daqui. Vamos.

Entraram na floresta e correram por vinte minutos em direção Oeste. O silêncio incomodava Lionel. Porque não estavam surpresos com Louise e outros?

— Esperem. — Diego parou de repente. — Tem algo na frente. Vamos por aqui. — E seguiu na mesma direção, porém para Noroeste agora.

Correram por mais cinco minutos, mas Lionel ainda estava nervoso e tinha muitas perguntas.

— Porque estão nos ajudando?

— Como assim? Somos irmãos de clã?

— Não vem com essa! Sempre nos odiamos. Disputando quem é o melhor. Sonhando em um dia ser líder do clã.

— Somos rivais, não inimigos — Sorriu Gaia. — Você entendeu tudo errado.

— Vocês não se impressionaram com os recém-criados? Acabamos de chegar de uma reunião que nos proibia de criar eles. Vocês não estão nem fazendo perguntas. Kruger criou um recém-criado há menos de uma semana. Não aceitará mais nenhum.

— Não é nosso papel julgar. — disse Diego.

E aconteceu um estrondo e todos voaram com o impacto.

. . .

Diego acordou e tinha os recém-criados do lado. *Onde estavam Gaia e Lionel? O que aconteceu? Foi uma explosão? Os outros estavam acordando.*

— Lionel! Cadê você? — Gritou a recém-criada. — Você viu pra onde ele caiu?

— Não sei. Vamos achá-los.

— Espere. Que barulho é esse? — Disse Lil.

— Parece um lobo gigante. — Disse Karl.

Diego não ouvia o lobo, mas sabia que tinha outros animais, pois ouvia eles. Parecia ter diversos metamorfos.

*Porque a floresta estava cheia deles? Era nosso território e o escolhemos com cuidado.*

Correu o mais rápido que pode. Ouvia os recém-criados gritarem por ajuda. Já estavam sendo pegos. Não quis olhar pra

trás. *Lionel já os trouxeram para morte. Então que morram pelos metamorfos.*

A voz da menina esvai. A primeira caiu, me poupa trabalho. — Sorri.

Um a um foi caindo e não restou mais ninguém.

A missão está concluída, todos mortos, graças a informação dada pelo Gangrel, Gendrick.

• • •

Gaia e Lionel acordaram juntos.

— O que aconteceu? Cadê os outros?

— Se não reparou, acordamos juntos. — Disse Gaia.

Ouviram um barulho vindo mais pra leste. Ambos foram na direção.

Correram por alguns minutos.

— Espere. — Gaia parou. — Se estamos separados, pode ser que os demais também. Podemos aproveitar esse momento pra fazer uma emboscada.

— Do que você tá falando?

— Dos recém-criados, ué!

Ouviram algo se aproximando rapidamente.

Era Diego. Parecia desesperado.

— Vamos embora. Corram, tem vários metamorfos vindo.

— Ao falar, Gaia ouviu seus gritos. Lionel também.

— Vamos, rápido.

E os outros? Onde estão?

— Mortos. Foram todos pegos.

— Que? Você viu?

— Ouvi. Porque está tão preocupado? Não era seu plano?

Lionel partiu em direção a floresta.  
— Lionel, onde vai? — Gritou Gaia.  
Ele não respondeu.  
— Deixa ele, precisamos ir.  
— Mas.  
— Ele quis ir, vamos.  
E eles foram.

Enquanto isso Lionel corria em direção aos gritos e estava ficando com medo, tinham muitos, até que algo caiu em cima dele.

Caiu no chão. Ao levantar, foi acertado na cabeça e caiu.  
Tudo ficou escuro.

• • •

Lionel abriu os olhos.  
— Até que enfim acordou — Sorriu o Gangrel.  
— O que você quer? — Se levantou rápido Lionel.  
— Calma — continuou calmo e sorridente. Não quero te machucar. Na verdade, eu te salvei.  
— Do que você tá falando? Eu preciso encontrar os outros. — Lionel foi andando.  
— Espere. Eles já estão vindo.  
— Você está com eles? O que fez com eles? — Disse Lionel segurando o vampiro pela camisa.  
Os recém-criados chegaram juntos da floresta.  
— Pronto. Estão aí. — Disse Gendrick.  
Todos pareciam bem. Pousaram perto dele.



— Oi. — Disse Louise. Estamos bem e eles já nos contaram tudo.

— Tudo o que? O que está acontecendo aqui?

• • •

### **Meia-hora antes.**

— Vamos, eles estão vindo. Gaia, esquece o Lionel.

— Será que ele não tem intensão de matar eles?

— Isso seria traição. Ele estava na reunião com a gente.

— Precisamos chegar logo na mansão.

Alguém apareceu. Era um metamorfo.

Ele tinha olhos vermelhos, pele branca com pernas azuis e voou pra cima deles como uma flecha.

Gaia pulou pra trás, não estava tão transtornada quanto Diego.

O metamorfo também notou a instabilidade de Diego e foi pra cima dele.

Ele estava fraco, não sabia porque, mas seus reflexos estavam muito reduzidos e o metamorfo se aproveitou para acabar com ele.

Gaia ficou com medo. Tentou correr, mas foi em vão. O animal a perseguiu e arrancara sua cabeça.

O animal se transforma, e volta a ser um dos Gangrel.

— Então era uma armadilha! — afirma Lionel ao ouvir toda história. — Sabia que estava tudo estranho. Eles pretendiam nos matar. Mas porque você nos salvou?

— Porque preciso de vocês. — Disse Gendrick

— Precisa de nós?

— Eu sei como salvar vocês da Camarilla e concluir minha missão. — disse o Gangrel confiante. — Minha ideia é a seguinte. Eu recebi a missão da Camarilla para enviar um amuleto para ficar sob proteção do Exército de Alexandria.

— Exército de Alexandria? O Príncipe Julian disse que não nos envolveríamos na guerra.

— Não diretamente, mas quem será o lado vencedor é importante e não se trata apenas de política, e sim da nossa sobrevivência. Esse amuleto está protegido com a Camarilla há muito e muito tempo, porém ele precisa encontrar um novo protetor que seja forte o suficiente para mudar o mundo e Alexandria tem força pra isso.

— Então o que devemos fazer exatamente?

— Eu mandarei dois dos meus junto com dois novos seus. Serão um braço a mais para possíveis emboscadas.

— E os demais?

— Virão conosco.

— O que na verdade é esse amuleto?

— Não sei, mas o Príncipe Julius disse que quem receber saberá.

— Pra quem devemos entregar?

— Aos magos em Shandong.

— Mas isso é longe demais.

— Exato e vocês vão colaborar. É o preço por salvar a vida de vocês. E vocês estão fazendo algo para Camarilla. Vai ser mais fácil conseguir o perdão depois de concluir essa missão.

— Como saberemos se você realmente fala a verdade?

— Não saberão, mas...

O Gangrel sorriu e colocou a mão no bolso. Tirou uma carta e entregou a Lionel.

Ela possuía o selo da Camarilla.

Lionel abriu.

*Caro Paladino Ariel,*

*Sou o atual representante da Camarilla, sei que já ouviu falar de nós e de mim.*

*Durante muitos anos ficamos encarregados de proteger o amuleto da primeira chave.*

*O mundo está tomando um novo caminho, novos poderes estão surgindo e enfim a volta da nossa esperança sobre um futuro.*

*Conto com vocês para dar continuidade nossa missão. O menino destinado vai nascer. Ajudem-no a trilhar o caminho.*

*Estou enviando dois soldados com a parte do amuleto.*

*Com afinho,*

*Príncipe Julian.*

Lionel se levantou.

— Essa carta é pro Paladino Ariel? — Perguntou Lionel com os olhos esbugalhados.

Gedrick balançou positivamente a cabeça.

— E você me deixou abrir? Por que fez isso?

— Porque você queria saber se era verdade ou não. Se não abrisse e lesse não acreditaria.

Lionel estava sem ação.

— Mas como vamos entregar isso agora? Está aberto. E o que é tudo isso? Novos poderes? Esperança para um futuro? Que papo é esse?

— Não sei. Só estou cumprindo ordens. Eles vão aceitar aberta mesmo assim.

— Isso parece ser importante para Camarilla e se fizermos isso bem, conseguiremos nosso perdão. Então, vamos fazer isso.

— Gendrick assentiu.

• • •

Jabbah, Siegrid, Karl e Alan partiram pra sua missão.

Foram pela floresta, pois era mais seguro e seria mais fácil para se esconderem de predadores mais fortes e do sol.

— Vocês deram sorte que Gendrick precisou de vocês, senão estariam mortos a essa hora. — Disse Siegrid.

— Ou talvez vocês.

O Gangrel achou engraçado a audácia de Karl.

— Como vocês se tornaram vampiros? — Perguntou Alan.

— Igual você. Não me deixaram morrer. — Sorriu Siegrid.

— Temos que nos apressar. Precisamos chegar antes do exército de Cinerária. — Disse Jabbah, friamente.

E os quatro foram mais rápido que conseguiam.

Após quatro dias seguindo pela floresta, encontraram um lugar que poderia ser um esconderijo. Era um mosteiro. Ficava quase na metade do caminho para Shandong.

— Odeio esse tipo de lugar. — Disse Jabbah. — Fomos perseguidos durante anos pelo Culto e são os seus seguidores que controlam esses locais. Não vamos parar nesse lugar.

— Vamos continuar. Podemos encontrar outros lugares. — falou Siegrid.

Ao avançarem, uma flecha raspou a perna de Siegrid. Os quatro pararam.

— Onde pensam que vão? — Disse um homem com um arco e uma flecha empunhada em direção aos vampiros. — Estão nos territórios do Rei Minos.

Eles estavam cercados, todos se vestiam igual, com armaduras e uma manta verde, com detalhes prateados.

— Somos apenas andarilhos — Disse Siegrid, com seu tom doce.

— Se falarem qualquer coisa. Deixa, vou espetar sua cabeça. Sei que são vampiros. — E atirou a flecha.

Os vampiros foram cada um pra um lado e se prepararam para batalha, porém tinham muitos. Eles estavam completamente cercados.

Mais flechas voaram de todos os lados, então sabiam que tinham que lutar, e foi o que fizeram.

Eles eram humanos, logo eram frágeis, então não foi difícil derrubá-los, porém não parava de chegar mais gente.

— Estamos gastando energia aqui. Não para de vim gente e não vamos vencer. Vamos embora. — Disse Jabbah indo em direção a floresta.

Todos começaram a correr. Eram mais rápidos que os humanos e estavam ganhando distância. Correram por cinco minutos, até que Alan foi golpeado nas costas e caiu.

Um humano estava no caminho deles e ele era diferente dos demais.

— Vocês não vão passar daqui.

— Isso é o que veremos. — E Siegrid foi em sua direção para atacá-lo.

O humano desviou e o contra golpeou com um soco, o fazendo cair. Ao tentar se levantar, foi chutado, bateu em uma árvore e ficou desacordado.

Os três ficaram em posição de combate. Jabbah tirou uma adaga.

— Acha que pode me vencer com isso? — Sorriu o homem.

Nesse mesmo momento, Jabbah foi arremessado e sua adaga caiu no chão. Um segundo homem estava atrás deles. Ele tinha uma espada embainhada.

Siegrid despertou e se levantou rapidamente.

Eram quatro contra dois, porém os dois eram mais fortes do que a dezena de homens que estavam em seu encalço.

— Demorou Finral — disse o homem à frente deles.

O segundo homem retirou a espada.

— Chegou a hora de vocês, demônios. — E foi em direção aos quatro. Vamos Jadeh.

Enquanto os dois foram em direção aos quatro vampiros. Eles não hesitaram. Também foram pra cima.

Foi inútil.

Mesmo os vampiros sendo rápidos, os humanos eram muito mais fortes.

Os quatro estavam no chão.

— Vamos, levantem-se.

— Nós não desejamos lutar — Disse Siegrid.

— Vocês são criaturas asquerosas, dois estão praticamente apodrecendo. — Eles não sabiam identificar a diversidade de clãs de vampiros, então os enxergavam apenas como seres amaldiçoados.

A desvantagem dos quatro estava aumentando, à medida que não conseguiam nem fugir e nem acertá-los, até que ela aumentou quando Alan foi pra cima do guerreiro com espada e sua cabeça de saiu voando.

Jadeh sorriu ao cortar a cabeça do vampiro.

— O primeiro já foi. Agora vou cortar os outros três. — E foi pra cima correndo.

— Vão. Eu vou segurá—los. — Disse Jabbah.

— O que você tá falando? Não pretende usar aquilo, né? — Gritou Siegrid.

— Se não forem, todos vamos morrer. O Príncipe Julius e o Gendrick estão contando com a gente.

Os outros dois vampiros não sabiam o que fazer. Se lutavam ou se iam embora.

— Vão. Eu sou o mais forte, consigo segurar eles por um tempo. Apenas vão. Encontro vocês mais à frente.

— Jabbah. — Disse Karl.

— Vamos. Precisamos ir. — Disse Siegrid. — E eles foram. E foi a última vez que viram Jabbah.

Jabbah tirou sua espada e se transformou. Virou a mesma criatura de olhos vermelhos que atacou Gaia e Diego.

— Acha que vai nos parar? Incorporando o capeta? Vamos acabar com você e pegar os outros depois.

Quando Finral foi pra cima, com sua espada, Jabbah o bloqueou.

Jadeh correu em direção aos dois, porém Jabbah o jogou pra longe com um pisão no peito.

Continuou seu duelo de espadas. Não tinha como segurar os dois ao mesmo tempo e quando estava conseguindo lutar em pé de igualdade, foi surpreendido por seu segundo oponente que já se levantara e o atacara, se jogando contra ele e ambos caem rolando.

Foi golpeado diversas vezes por ambos e sua força estava se esvaindo.

— Em nome do Rei Minos. Em homenagem aos antigos heróis do Culto. Quais são suas últimas palavras?

— Vão se foder. — Sorriu e tudo explodiu.

• • •

Lionel, Louise, Lil e Gendrick estavam indo para Nordeste.

Conversavam calmamente.

— Sabe porque os recém-criados aparentam ser mais fortes? — Perguntou Gendrick.

Todos estavam calados.

— Pela falta de medo quando estão transformados. Fazem o que querem pelo seu precioso sangue. — Sorriu. — Vamos caçar, depois quero mostrar algo pra vocês.

— O que?

— A guerra.



Depois de avançarem por uns minutos, encontraram um urso se alimentando de um leopardo. Atacaram o urso e o mataram.

— O predador virando presa — Sorriu Gendrick.

— Os quatro avançaram ao mesmo tempo. O urso não tinha como reagir. — Disse Lil empolgado.

Tiraram a pele do urso, fizeram uma fogueira com galhos que estavam espalhadas e assaram o urso.

— Parece que não tem gosto. — Falou decepcionado Lil.

*O sangue desce quente. Minha barriga tá cheia, mas não me sinto completamente recuperado. Não estou 100%.* — Pensou Lionel.

— O sangue do animal nos mantém são, mas não nos fortalece. Não alimenta. — Disse Gendrick fazendo aspas com o dedo ao dizer a última palavra. — É apenas pra disfarçar. — Sorriu.

Quando terminaram, Gendrick ficou em sinal de alerta.

— Temos companhia. — E todos ficaram em pé.

Dezenas de homens de armaduras e manto vermelho e dourado saíam pelas árvores e pararam ao ver os quatro.

Se o Gangrel estivesse sozinho, não haveria problema, mas os Nosferatus pela sua aparência não conseguia esconder sua raça.

— Em nome do Rei Alexandre, matem esses demônios. — Gritou um dos homens que parecia estar no comando.

— Vamos fugir. São o exército de Alexandria. — Disse Gendrick.

Todos correram por cima das árvores. Flechas com fogo voavam, mas os três conseguiram se sair bem e ganhar distância.

Depois de fugir por vinte minutos, resolveram desacelerar.

— Quase fomos abatidos. — Disse Lil.

— Aquele exército era enorme. — Disse Louise.

— Sim. Nossa missão é entregar um artefato aos magos, que será enviado para o rei deles.

— E porque não disse que éramos aliados então? — Questionou Louise

— Não somos aliados. Humanos e vampiros não são aliados. Estamos simplesmente passando nosso dever, porque é a hora certa. É um propósito que deve ser herdado apenas.

— E também somos vampiros. — Disse Lionel. — Seus pais nunca lhe falaram da Inquisição?

— Claro que eu sei o que foi a Inquisição. A cada guerra importante de Cinerária, surge um Rei Minos pra defender o Reino. Rei Minos fundou a terra e guerreou contra os mamutes. O Rei Allahu, se auto—intituiu Rei Minos II, e assinou a Inquisição. Montou com seus melhores guerreiros e criou os Cavaleiros do Culto. Eles são heróis que perseguiram os demônios que estavam querendo destruir nossas terras.

— É essa história que contam pra você? — Sorriu Lionel.

— Você agora é o demônio que quer tomar tudo deles, querida. — Brincou Gendrick.

— Mas nós não queremos isso.

— Exatamente. — Disse Lionel.

Louise ficou calada refletindo sobre tudo aquilo.

Depois de mais algumas horas, Gendrick sentiu a presença de alguém. Lil estava mais à frente.

— Que droga. Espera Lil — Disse Gendrick.

— O que foi? — Perguntou Lionel

Lil se virou pra eles.

— Não percebi, na fuga, nos desviamos muito do caminho.

— E onde estamos? — Perguntou Louise.

— No fim da vida de vocês. — Disse um homem desconhecido encravando uma espada nas costas de Lil, que caiu cuspidando sangue e agonizando. Quase instantaneamente um segundo homem, com uma espada embainhada, jogou fogo em seu corpo. — Dois homens, vestidos de verde e prata, segurando cada um uma cabeça. Uma era a de Alan e a outra a de Jabbah.

---

## VIII.

Louise estava paralisada. Não conseguia se mexer e ajoelhou, sem forças na perna. Sentia as lágrimas quente escorrerem sobre sua bochecha.

Lionel e Gendrick se prepararam pra batalha.

— São dois contra dois. — Disse Lionel.

— É. Não tá injusto. — Sorriu Gendrick estalando os dedos.

— Eles são fortes. — Preveniu Lionel.

— E eu sou o segundo mais forte dos Gangrel. Acho que você também só está atrás do Kruger. Ou Diego e Gaia são mais fortes?

— Sim. É verdade. Eu sou o segundo mais forte.

— Então vamos lá. — E avançaram.

Lionel atacou Jadeh, enquanto Gendrick se atirou pra cima de Finral que trazia Jabbah.

Jadeh tinha uma espada. Lionel desviou.

— Como está desarmado, vou no que sou melhor, a força física. — E foi em direção a Lionel, jogando a espada de lado.

O outro humano sorriu.

— Eu já não sou tão bonzinho como ele. Sou espadachim.  
— E atacou Gendrick com sua espada.

Gendrick recuou, porém sentiu um rasgo em sua camisa, na altura da barriga. A espada tinha passado por pouco.

Gendrick ameaçou avançar, mas foi para o lado e conseguiu pegar a espada. Agora estavam em pé de igualdade.

Gendrick recuou e olhou para o lado. Louise ainda estava em choque.

*Maldito urso. Se ela estivesse bem, seria de grande ajuda. Ou não.*

Continuou olhando, mas não achou Lionel. — *Onde será que ele está?* — Pensou.

*Outra coisa o chamou atenção.*

*A espada é muito boa. Bem feita, com um cabo de prata e aço mais que afiado. Não é pesada e nem leve. O peso ideal.*

— Larga essa espada, seu demônio. A Iluminus não merece ser usada por você. É uma das cinco espadas sagradas do nosso clã. A espada que bebe sangue dos demônios igual a você. Vou cortar sua cabeça com ela. — Disse o humano a apontando. — A técnica que domino é ensinada por todas as gerações antes do Culto. Ela existe a 1700 anos e foi a principal nos seus dias de glórias da Inquisição. A técnica do Lobo Selvagem. — Sorriu. — Que ironia.

— Eu não sou um mestre igual a você, mas eu pratico espada há 900 anos. Eu uso uma técnica que aprendi do melhor espadachim que vi nessa terra. Era um camponês apenas. Sr. Sai. Me acolheu por um tempo quando eu era recém-criado, mesmo sabendo que eu era vampiro. Não tem essa palhaçada de nome dos golpes, mas o estilo é o lendário Corte do Louva deus. É assim como ele chamava.

— Claro que sim. — Gargalhou Finral. — Tá brincando comigo?

— Receba então meu golpe, demônio.

— Você vai ver.

Ambos se atacaram, e uma cabeça voou.

• • •

Os dois sobreviventes seguiam fugindo ainda até que pararam.

— Não estamos mais sendo seguidos. — Disse Siegrid.  
— O que foi aquilo? — Falou Kahl  
— Precisamos continuar. Eles estão mortos.  
— Mas.  
— Não tem mas. Não faremos a morte deles ser em vão.  
— Virão atrás da gente. Não deveríamos voltar? — Falou

Kahl

— Não. Vamos continuar. Mais à frente paramos pra descansar um pouco e depois continuaremos. O exército de Cinerária vai se encontrar com o de Alexandria. Precisamos fazer nossa missão logo.

Eles continuaram.

• • •

Lionel conseguiu afastar o humano em seu encalço.

*Agora podemos lutar livremente.*

Lionel foi pra cima, mas seu adversário era forte e o contra golpeou duas vezes.

— Já notou nossa diferença? Você pode ser um demônio, mas não vai me vencer.

Lionel voltou para floresta. Seu perseguidor foi atrás, mas ele sumira.

— Onde você está? Sei que está aqui. — Jadeh ouvia passos e movimentos, mas não via ninguém.

— Apareça. Vamos, seu covarde.

Uma mão pousou em seu ombro, ao se virar.

— Calma, sou eu, já matou o demônio? — Disse Finral.

— Ele está escondido.

— Então vamos caçá-los juntos.

— Espere. Ele é meu.  
— Deixa eu te ajudar, mas antes. — E cravou uma adaga em seu peito na altura do coração.  
Finral estava virando o Lionel.  
— Seu maldito. Como fez essa bruxaria? — E caiu morto.  
— Além da transformação, também posso ficar invisível.  
— E cobriu o corpo do guerreiro com a própria manta.

Lionel voltou e encontrou Gendrick sentado ao lado de Louise que ainda estava em choque.

— Então eles mataram dois nossos. — Lamentou Lionel sentando, pois estava fraco devido a luta. Ficar invisível consumia muita energia.

— Mas temos os outros dois continuando a missão.

— Que se dane essa missão. Morreram dois já. Agora quase fomos mortos. Porque essa droga missão é tão importante assim?

Gendrick se levantou e caminhou.

— Irei te mostrar.

**Oito dias depois.**

Siegrid e Kahl pararam.

— Acho que chegamos na metade do caminho de Shandong.

— Já tinham se passaram oito dias e por sorte não encontramos mais inimigos. — Disse Kahl.

— Acho que estou perdido. — Disse Siegrid.

— Como assim? Você não acabou de falar que era metade do caminho?

— Vamos pedir informação. — Disse Siegrid.

— A última vez que nos viram, quiseram nos matar.

— Mas é só você não aparecer. Você é muito feio. — Sorriu Siegrid. — Confie em mim.

Eles foram andando pela floresta.

— Espere. — Disse Siegrid. — Daqui vou sozinho. Me espere ali naquela árvore. — E apontou.

Kahl subiu sem relutar. Queria evitar ser visto e lutar. Se sentou.

Siegrid foi caminhando para estrada de areia, que começava naquela floresta e acabava em um vilarejo mais à frente. A estrada dava inicialmente em uma taverna e seguia até o vilarejo.

Siegrid andou até a taverna. Tinha alguns cavalos do lado de fora, amarrados, comendo e bebendo água. A taverna era de madeira e seu teto coberto com palha e feno.

Siegrid passou pela porta de madeira e entrou. A porta continuou balançando e rangendo. Não tinha muita gente dentro



e o lugar era bem empoeirado. Além do dono e a garçonete, tinham apenas duas mesas ocupadas. Uma mesa continha três pessoas e em outra quatro. Todos homens e nenhum era soldado.

*O local parece ser frequentado apenas por moradores locais.* — Pensou Siegrid.

Ele caminhou até o balcão.

— Posso ajudá-lo, cavalheiro? — Perguntou o dono. Um senhor careca, branco e gordo. Tinha marcas de sujeira no rosto e estava suado. Usava um pano para limpar o rosto quando escorria o suor. Usava camiseta branca, bem amarelada e com marcas pretas de sujeira e uma calça de algodão, preta.

— Claro. Gostaria de algo para refrescar minha garganta.

— Um chá de hortelã então?

— Excelente.

— Está vazio, o que aconteceu?

— Horário de trabalho, senhor. — Disse o dono enxugando sua testa.

— A menina é sua filha? — Observava a menina varrendo o chão com uma vassoura de palha.

— Escrava, senhor. Deseja comer algo?

— Ainda não.

Siegrid aguardou sua bebida chegar.

— Tenho o sonho de ingressar a Grande Guilda Branca. Sabe me dizer o caminho mais próximo e menos perigoso?

— Existe uma mesquita a Leste. Lá eles te indicarão o caminho.

— Muito obrigado, senhor. — Siegrid terminou seu chá e se levantou.

— Já vai? Não gostaria de comer algo ou se hospedar essa noite? Já está ficando tarde.

— Desculpa, mas estou ansioso para chegar lá. Já vou indo. — Andou até o final da taverna rapidamente.

Siegrid passou pela porta e foi andando em direção a floresta, onde achou Kahl, que estava deitado na mesma árvore.

— Vamos.

• • •

### **De volta ao presente.**

Gendrick foi na frente, enquanto Lionel carregava Louise.

— Onde você está me levando?

— Você vai ver.

Eles caminharam por aproximadamente duas horas, até que Gendrick parou. Louise já tinha acordado.

Ao andarem um pouco mais a frente, viram que estavam em um monte, onde viam grande parte do Reino de Cinerária, o cemitério dos elefantes e a Floresta Negra.

Muito longe dali, ainda menores que formigas, tinha um enorme exército, que vinha do norte, e era o exército de Alexandria. Tinham bandeiras vermelhas, mas ainda não se ouvia o som dos surdos.

— Aquela é a Infantaria de Altair. A guerra já vai ser concluída e muita coisa vai mudar.

Lionel continuava em silêncio.

— Está vendo isso aqui? Tudo isso é dominado apenas pelo clã Nosferatus. Vocês têm uma região rica no submundo, por isso o clã está bem estabilizado há décadas.

— Temos bons aliados aqui. — Disse Lionel caminhando e ficando ao lado de Gendrick. — A Camarilla também sempre nos guiou. Realmente temos um ótimo lugar.

— Vou te contar uma história.

Lionel se sentou ao lado de Louise.

— A reunião da Camarilla, em que todos estavam. Eu também estava lá.

— Como? Eu não te vi.

— Eu posso virar um morcego.

— Então foi você que vi também no caminho da floresta?

Gendrick sorriu.

— Assim que a reunião acabou, tivemos uma conversa com o Príncipe Julian e fomos designados a tal missão, de entregar o amuleto.

— Mas o que é esse amuleto?

— Não sei. Apenas fiz a missão de entrega, mas continuando. Ao passar pela Floresta Negra, presenciei toda a transformação de Louise e de seus amigos. Também enviei um morcego para avisar aos seus companheiros.

— Então é por isso que eles apareceram lá?

— E fomos nós que também que os matamos.

— Que? Como assim? Gaia e Diego estão mortos?

Lionel e Louise se levantaram.

— Se exterminássemos os Nosferatus, teríamos esse território todo pra gente. Os Gangrel se ergueriam.

— O que tá acontecendo? O que você quer?

— Espera. — Louise falou. — Porque não matou a gente antes? Porque precisa da gente vivo, certo?

— Quem disse que vocês vão ficar vivos? — Gendrick sorriu.

• • •

## Oito dias depois.

Kahl e Siegrid chegaram ao local, que o dono da taverna disse.

— Chegamos ao mosteiro, porém ele parece abandonado há anos.

Eles entraram e como parecia, estava vazio.

— Não parece estar abandonado.

— Alguém? — Chamou Kahl mais alto.

Ninguém respondeu.

Continuaram procurando, até que não encontraram nada.

Ao sair, foram surpreendidos por diversos homens com arco e flechas. Estavam cercados.

Era uma armadilha. Era um acampamento do exército refugiado de Cinerária.

Siegrid e Kahl voltaram pro mosteiro e fecharam as portas.

— Vamos, precisamos fugir. — Disse Siegrid quando a primeira chuva de flechas furou a porta.

— Podemos lutar. Eles estão quase mortos. Devem ter perdido a batalha contra Alexandria no Cemitério dos Elefantes.

— Não. Não podemos nos dar o luxo de morrer.

— Porque?

— A ordem do Príncipe Julian foi bem clara. Mesmo que um de nós perdêssemos a vida, pelo menos dois precisavam estar vivos ao entregar o amuleto aos magos.

Eles correram pelos fundos. Os soldados entraram no mosteiro e a perseguição continuava.

— Matem esses demônios.

Kahl e Siegrid saíram do local e foram em direção a floresta. Correram o melhor que podiam e quando estavam conseguindo uma distância considerável, ouviram um corno de guerra.

Os soldados pararam.

— Voltem. Rápido. — Gritou uma voz longe.

— Vamos voltar. Viram um exército dos traidores vindo pra cá. Estão indo pra capital Cinerária. Precisamos ir imediatamente.

Enquanto o exército de Cinerária parava de seguir os vampiros, eles fugiram o mais rápido que conseguiram, e por sorte, estavam indo pelo caminho certo sem serem perseguidos.

• • •

### **De volta ao presente.**

Lionel se pôs na frente de Louise, enquanto Gendrick estava com a espada Illuminus na mão e ia em sua direção.

— O que está fazendo? Porque está fazendo isso?

— Esse já era meu objetivo. A Camarilla nunca iria perdoar vocês pelo que fez, e irei acabar também com o clã Nosferatus. Dois coelhos com uma cajadada.

— Seu maldito. O tempo todo tenho sido manipulado por você.

— Preparado pra morrer? — Sorriu Gendrick.

— Louise, fique atrás de mim, vou acabar com ele.

Lionel desembainhou sua espada.

— Eu não vou deixar você fazer isso.

— Isso é o que veremos.

E o confronto de espadas começou. Ambos eram hábeis, até porque eram os melhores de seus clãs, abaixo apenas do

líder. Se seriam os futuros líderes do clã, então seria esse o reflexo do futuro relacionamento entre Nosferatus e Gangrel?

*Preciso ajudar.* — Pensou Louise. — *Mas vou acabar atrapalhando. Por mais que eu me sinta forte, não acho que vou derrotar Gendrick.*

*A luta deles está de igual para igual. Nenhum deles leva vantagem ou prejuízo. Se estivessem do mesmo lado, seriam invencíveis.*

— Você é bom, Nosferatus, pena que ainda tem fraquezas.

— Não parece que você saiba quais são.

E as espadas tilintavam.

— Claro que sei. — E arremessou uma adaga em direção a Louise, que desviou.

— Deixa ela, seu desgraçado. Sua luta é comigo. — E foi pra cima.

A luta continuava de igual para igual, até que a adaga voltou em direção a Gendrick, que ao desviar, raspou em sua bochecha.

— Desgraçada. — E ameaçou ir na direção de Louise.

Lionel que já previa, foi pra cima do Gangrel. Gendrick desviou, o segurou e o arremessou.

Gendrick conseguiu alcançar Louise, que ao tentar fugir, foi atingida com um chute na altura do rosto.

— Não adianta. Vocês são fracos demais. — Gendrick sorriu.

Genrick pousou do lado de Louise e a segurou pelo cabelo.

— E é agora que você morre.

Puffff.

Gendrick se transforma em morcego no último segundo, para escapar da adaga de Lionel.

— Você é previsível demais. — Foi voando em direção a Lionel.

Gendrick, voltando a fisionomia humana, pulou em suas costas. Lionel caiu. Gendrick o pegou pela camisa e o arremessou pelas árvores.

Lionel não conseguia mais lutar. Quando estava perdendo a consciência, ouviu um grito abafado. Era de Gendrick.

*O que aconteceu? Louise? Será que o Gendrick foi abatido por alguém. Por Louise? Não. Mas quem? Não tenho mais forças.*

E apagou.

**Oito dias depois.**

Karl e Siegrid de longe já conseguiam ver a subida do Reino de Shandong.

— Me responde uma coisa. Você estava na reunião dessa tal de Camarilla, certo?

— Sim.

— Como você não lembrava o caminho?

— Não presto atenção. — Gargalhou. — Eu sei a direção, mas olha que interessante. Pelo menos chegamos.

— Engraçado. — Suspirou Kahl e parou pra admirar o reino, que mais parecia uma cidadela.

Eles caminharam até a estrada de areia que dava a entrada.

— Eu nunca viajei tão longe.

— Você vai gostar daqui. O Reino dos magos tem pessoas de todos os lugares e todo os tipos de raças. É o único lugar em que as pessoas se esforçam pra viver pacificamente. Quem não aprova, e tenta se manifestar, é expulso. Não são tolerados preconceitos de raças. Só podem entrar magos ou convidados.

Ao chegarem no portão da Ordem, foram interceptados.

— Quem são vocês? Porque estão aqui? — Disse o que parecia ser um guarda. Apenas seus olhos apareciam pelo vão de madeira.

— Viemos falar com o Paladino Ariel.

— Tá bom. Chega de brincadeira. Vão embora. Só magos podem entrar.

— Você acha que eu viria de longe pra brincar? Deixem-nos passar. Temos uma missão e precisamos entregar algo ao Paladino. Tome isso. — Entregou uma carta.



O guarda os encarou por uns segundos e leu o conteúdo.

— Esperem um minuto.

Depois de quase cinco minutos, o guarda voltou e destrancou a porta.

— Entrem. Podem aguardar ali. — Apontou para o canto da parede — Irão te buscar pra levar vocês ao Paladino.

— Obrigado. — Agradeceu Siegrid.

• • •

### **De volta ao presente.**

Lionel abriu os olhos. Ultimamente tem acordado após as batalhas. Não era comum perder a consciência, mas tinha se tornado frequente nos últimos dias.

Ao olhar pro lado, viu parte do cadáver de Gendrick no canto, queimado sem cabeça.

Ouviu passos.

— Você acordou. — Soou uma voz familiar.

Ao olhar pro lado, não teve dúvidas.

— Mestre Kruger? Você me salvou?

— Você foi o único dos pilares que sobrou. Diego e Gaia estão mortos, e você também estaria se eu não tivesse chegado. Os Gangrel quase nos pegaram.

— Ainda tem mais deles.

— Todos estão mortos, exceto dois.

— Um. Jabbah também foi morto. Mas o que aconteceu? Como me achou?

— Recebi a mensagem de Gendrick sobre os recém-criados. Mandeí Diego e Gaia ver e trazer você pra casa pra se

explicar. Como eles demoravam, resolvi eu mesmo ir ver o que houve, até que cheguei aqui.

— Então Gaia e Diego não queriam me matar? Gangrel maldito. Manipulou todos. — Socou o chão. — Onde está a Louise?

— Está desacordada ali atrás. Acabei a atacando, mas não a matei.

Lionel levantou rapidamente e foi vê—la.

*Ela tá bem. Que bom.*

Ele voltou e olhou pra seu mestre.

— E agora? O que vamos fazer?

• • •

### **Oito dias depois.**

Outro guarda chegou e chamou Karl e Siegrid.

— Vou acompanha—los até o dormitório de vocês.

Eles foram seguindo o guarda.

— Olha aquele castelo. É enorme e tem várias Torres. —  
Falou Kahl empolgado

— É o Castelo da Ordem. — Disse um dos guardas.

— Pare de falar. — Disse Siegrid se virando para Kahl. —  
*Estranho. Não era pra irmos pro Castelo?* — Pensou Kahl.

Entraram na porta a esquerda. Passaram por uma porta enorme de ferro.

— Nossa, essa porta deve ter uns cinco metros. Tem gigantes aqui também?

O guarda sorriu.

*Não foi uma piada.* — Pensou Kahl.

Começaram a passar por diversos cômodos.

— Essa muralha parece uma grande fortaleza. — Disse Kahl.

*Esses cômodos são feitos por dentro das paredes da muralha, então ele poderia ter salas por toda muralha.* — Pensou Siegrid — *Não sabia disso.*

O cheiro estava ficando pesado e úmido. Parecia uma mina ou uma prisão.

Sabia que era uma prisão – Murmurou e sorriu Siegrid.

— O que foi? — perguntou Karl.

— Nada. – Disse ainda sorrindo Siegrid. — Pensei alto.

— Você é estranho.

Chegaram em um lugar escuro.

— Não consigo enxergar nada além de três passos. Se estivessemos sem o archote me perderia facilmente — Falou Kahl.

O guarda abriu uma porta que parecia de uma cela.

— Por aqui, senhores. — Ambos estraram.

O guarda fechou.

— O que significa isso? Abre essa porta. – Falou Kahl.

— Espero que gostem da estadia. — E saiu.

— Ei. – Gritou Kahl.

— Estamos presos. — Disse Siegrid. — Aqui é uma prisão.

• • •

Passaram algumas horas, até que ouviram passos.

— Isso é inadmissível, deveriam ter me procurado. — Dizia um homem que aparentava ter uns cinquenta anos e um

rosto simpático. Seus cabelos caíam pelos ombros, escuros e liso, mas com alguns fios brancos. Suas vestes eram brancas. — Vamos, soltem—os.

O guarda abriu a porta.

— Me perdoem o tratamento. — Se desculpou o homem para os vampiros.

— Senhor, viemos a mando do Príncipe Julian para falar com o Paladino Ariel. — Disse Siegrid.

— Prazer em conhecê—los — Disse o homem sorrindo. — E desculpe a indelicadeza dos meus guardas.

Os guardas abriram uma porta secreta que parecia ser um atalho e dava em uma escada.

— O que desejam, senhores? Soube por alguns passarinhos que tinham o sonho de entrar para Ordem, mas não aparentam ter esse interesse.

— Viemos na verdade a mando da Camarilla. — Siegrid entregou a carta do Príncipe Julius.

— Nossa, quanto tempo não o vejo. Como ele está? Ainda muito sorridente?

— E sereno. — Completou Siegrid.

O Paladino sorriu, pegou a carta das mãos do Gangrel e começou a ler.

— Entendo. E vocês estão com o amuleto, certo? Me acompanhem, por favor.

E Ariel subiu as escadas. Os vampiros foram atrás.

• • •

## De volta ao presente.

Lionel acordou Louise.

— Vamos.

— Ahn? Pra onde estamos indo?

— Pra casa.

Louise levantou e se apoiou no ombro de Lionel. Ao olhar mais à frente notou que tinham mais vampiros.

— Tem mais gente e não parece ser Nosferatus. — Falou Louise.

Andaram um pouco mais.

*Já sei quem são. Rato Branco e seus três escudos, que é como chama seus imediatos. Trillin com seus dois subordinados e Eros com apenas mais um. Porque tantos juntos? Será que aconteceu algo?*

— E aí? O que houve? Porque todos estão aqui?

— Recebemos Ordens da Camarilla para acabar com os Gangrel que nos traíram. É inadmissível atacar outro clã aliado. — Disse Eros. — Se fosse permitido já teria acabado com os Brujah a eras.

— Quer morrer, é? — Falou Rato Branco tirando uma adaga.

— Chega vocês dois. — Falou Trillin.

— Entendi. Que bom que está tudo resolvido agora, mas havia necessidade de todos vocês? — Sorriu. — Eu sozinho quase acabei com Gendrick.

— Na verdade não está resolvido ainda. — Disse Rato Branco. — Viemos atrás de outros traidores também.

— Cinco, pra ser mais específico. — Disse Eros.

— Porém dois já morreram. Sobraram três. — Completou Trillin. — Mas um tá bem longe.

E foram andando em direção a Lionel e Louise.

### Oito dias depois.

Karl e Siegrid chegaram ao topo da muralha. Foram andando até metade dela e desceram uma escada na parte interior da Cidade. Caminharam até o Castelo da Ordem.

— Isso é enorme. — Falou Kahl.

— É sim. Foi construída há mais de mil anos.

— Sempre foi a fortaleza dos magos? — Perguntou Kahl.

— Diria mais um abrigo. — Sorriu Ariel.

Subiram as escadas e entraram em uma sala.

— Aqui deve ser onde é feito o conselho dos magos. É enorme e, nossa, essa mesa com mais de vinte lugares. — Falou Kahl impressionado.

— Tem tanto mago assim aqui? — Perguntou Karl. — Tem mais de 20 lugares na mesa.

— Aqui que nos reunimos. Podem se sentar. — Disse Ariel sentando na cadeira central. — Então, mostre—me o amuleto.

Siegrid tirou do bolso uma esfera e pousou sobre a mesa.

A parede do local era repleta de livros pelas prateleiras e tinham diversos archotes acesos.

— Como eu imaginava. — Disse Ariel analisando o objeto. — Está encapsulada e selada.

Entraram na sala mais seis magos.

— Deixe—me apresentar pra vocês. São os Seis Grande Magos. Com eles seis e eu, formamos o Conselho dos Sete Grandes Magos. Cada um deles é especialista em um dos seis elementos da natureza.

— Incrível — Disse fascinado Karl.

— E porque está nos contando isso? — Perguntou Siegrid.

— Porque essa bola está encapsulara e selada. Pra conseguirmos descapsular, precisamos da energia dos Seis Magos juntos, de forma equivalente, para formar uma esfera de energia meio negativa e meio positiva. Essa esfera irá se juntar a mais duas esferas de energia. A união das três irá virar uma das chaves pra abrir o portal.

— Chave? Portal pra que?

— Sim. Uma chave que usada apenas pela pessoa escolhida, abrirá um Portal. Existem outros pelo mundo e com todos abertos, teremos conhecimentos inimagináveis.

— Então nossa missão está concluída. Podemos ir. — Disse Siegrid.

— Ainda não. Não adianta apenas a energia dos magos. Preciso de mais duas energias.

— E quais são?

— Duas vidas.

**De volta ao presente.  
Trinta minutos atrás.**

Gendrick caiu após receber um impacto em suas costas.

— Kruger? Calma sou eu, não precisa me atacar. Eles já estão quase mortos. — Disse Gendrick.

— Então quer dizer que seu objetivo era acabar com os Nosferatus?

— Não. — Sorriu Gendrick. — Aliás, você ouviu quanto da conversa? — Disse levantando e andando de forma ameaçadora.

— Acha que pode comigo, Gangrel? — Disse duramente Kruger ficando invisível.

Gangrel se transformou em morcego e ficou no alto para tentar achar Kruger, inutilmente.

Sentiu um forte golpe na cabeça e ao olhar de onde veio, era Rato Branco.

— Rato Branco?

— Olá traidor. — Disse Eros o chutando.

— Não vamos destruir seu clã, mas você não será poupado. — Disse Trillin.

— Mas os traidores são eles.

Algo invisível segurou sua cabeça.

— Você planejou tomar meu clã, por isso você foi destinado a morte. Sua sentença foi dada pelo Príncipe Julian.

Kruger utilizou apenas um golpe com sua adaga e a garganta jorrou sangue.

Gendrick caiu de joelhos e com um golpe de espada, de Eros, a cabeça de Gendrick caiu rolando.



• • •

### **Voltando ao presente.**

Lionel e Louise recuaram.

— Porque nos traiu, Lionel? Você poderia ser o herdeiro do clã.

— Não foi minha intenção. Ela ia morrer.

— E daí? Você sabia que era proibido. E você ainda fez mais três.

— Não.

— Você deixou acontecer, isso é imperdoável. Colocou em risco a extinção do nosso clã.

— Não. Por favor, mestre.

Kruger se virou.

— Não vou te defender.

Lionel e Louise correram em direção a floresta.

Rato Branco e seus subordinado foram atrás. Eros também.

Trillin ficou com Kruger e seus subordinados aguardando.

• • •

### **Oito dias depois.**

— Aurora Liberatis. — Gritaram todos os magos juntos.

— O que estão fazendo com a gente? — Perguntou Karl.

— Podem começar.

Os magos os rodeavam e abriram os braços. De suas mãos saíam mais dois raios de energia, um em cada mão. Cada um com uma cor. Representaram o elemento da natureza que controlavam. As luzes, azul, vermelho, amarelo, marrom, preto e branco saíram e foram em direção a eles dois, como um raio.

— Quando conseguirmos transformar as vidas deles em energia, faremos a junção para primeira das cinco chaves.

• • •

Uma explosão acontece mais à frente. Parece barulho de um exército.

— Está quase amanhecendo. — Disse Lionel.

— Vai ter alguma batalha por aqui? — Perguntou Louise.

— Parece que sim.

— Eles estão próximos de nós. O som é alto.

— Mas ainda sim somos mais rápidos, vamos. — Completou Lionel.

— Pra onde estamos indo?

— Não sei ainda.

— Porque não vamos em direção ao exército? Se nos misturarmos nele, temos uma chance de escapar. — Disse Louise.

— Boa ideia, mas se não der tempo, morremos, porque está praticamente de dia.

### Oito dias depois.

Depois de alguns minutos, Karl e Siegrid não existiam mais. As três energias se fundiram e tornaram uma chave.

— As chaves estão prontas. Nosso primeiro passo foi concluído. — Disse Ariel.

— Mazgur — Chamou o Paladino. — Escreva uma carta para o Príncipe Julian, agradeça a ele e diga que conseguimos.

Mazgur saiu e foi fazer o que lhe foi ordenado. Ele era um aprendiz de mago, que servia aos Grandes Seis Magos da Ordem e ao Paladino Ariel.

— Faltam mais chaves, e o guerreiro que nasceu após a batalha de Altair, será nosso guia para as respostas.

— Essa chave pertence a qual portal? — Perguntou Thundara, mago da luz

— Do Castelo do Rei Minos. Deveria ser entregue ao Rei de Alexandria, mas iremos permanecer com ela aqui. É mais seguro.

— Sim. Pode ser usada para influenciar na guerra — Disse Fira, o mago da Água.

— Mas não adianta, se não tiverem todas as chaves. Não tem porque pensar nisso agora. Não sabemos nem se Alexandria ganhará a guerra. — Falou Dante, o mago da terra.

— Vamos ver qual será o destino das nossas terras. Sem tomar partido de nada. — Terminou o Paladino Ariel.

• • •

## De volta ao presente.

— Lionel, obrigado e eu sinto muito por tudo.

— Não precisa me agradecer.

— É por minha causa que tudo isso aconteceu.

— Não tem que se preocupar com isso agora. Guarde seu fôlego para fugir, vamos sair vivos dessa.

— Quero falar uma coisa.

Lionel ficou em silêncio.

— Eu sei que vamos morrer. Não iremos conseguir continuar assim por muito tempo. Eu iria morrer, e isso que estou vivendo já é a mais do que eu planejava, então eu agradeço por tudo e peço desculpa por desperdiçar sua vida.

— Eu já te olhava há muito tempo.

Louise parou.

— Não para, vamos.

— Você já me via? — Disse ainda parada.

— Sim, vamos. — Louise voltou a correr.

— Eu desde que vi você, sempre gostei de você. E eu não ia conseguir deixar você morrer.

— Por isso me salvou. — Disse Louise lamentando.

— Sim. E não me arrependo. Então não precisa se desculpar. Nós somos vistos como demônios pelos outros, mas ainda assim podemos amar e sentir tudo igual.

Louise parou na frente de Lionel, que foi obrigado a parar.

Louise o abraçou.

Lionel sabia que poderia ser alcançado a qualquer momento, mas não resistiu.

Ficou abraçado por uns segundos a mais.

• • •

— Precisamos ir agora. — Disse Louise sorrindo.

Ambos foram o mais rápido que conseguiram, até o barulho ficar mais alto. Eram surdos e cornos de guerra sendo tocados. Barulho de espadas sendo batidas em escudos. Parecia a preparação de um exército.

E um grito.

— EM NOME DO REI MINOS.

E Lionel parou.

— Não podemos mais ir.

— Porque?

— Está amanhecendo. Vamos ser queimados.

Rato Branco chegou logo atrás com Eros e os demais. Todos o cercaram.

— Ou enfrentamos o Sol ou os vampiros. — Falou Lionel.

Ambos se olharam e Louise virou em direção a guerra e ao campo exposto ao sol.

### 1700, Cemitério dos Elefantes, Reino de Cinerária.

O sol estava escaldante. Lionel mesmo coberto pelas sombras das árvores, podia ver o Cemitério dos Elefantes.

Lionel olhou para Louise.

Parece que a tinha transformado há um ano, tanta coisa passara. Não era pra terminar assim.

Olhou para o campo e viu os dois exércitos. Enormes. O exército era tão grande, que não dava quase pra ver os lados. O de Alexandria formava uma parede de escudos.

Eles corriam em direção uns aos outros. Sentiu o sol tocar sua pele. Parecia fogo.

*Isso queima* — Lamentou Lionel em pensamento.

Um estrondo.

Os exércitos se encontraram.

Olhou para Louise, que estava olhando a batalha e quando sentiu o sol, começou a se debater.

*É tarde demais.*

Lionel vai pra ponta da floresta com Louise em desespero. Olha para batalha e vê um cavaleiro que parece liderar todos os outros. Queria ser imponente como ele.

Louise está se debatendo no chão, enquanto Lionel suporta a dor.

O olhar deles se encontram. De Altair e de Lionel.

Até que uma lâmina fura seu peito e ele cai. O fogo começou a consumir sua pele. Rato Branco e Eros jogara fogo neles.

Lionel cai.

*Já não sinto mais nada.*

Não conseguiu olhar pra Louise, mal conseguia se mexer.

No mesmo momento que Altair e Lionel fechavam os olhos. Nascia quem estava destinado a abrir os Portais.